

Publica-se nas quartas-
eiras e sábados. Subscre-
ve-se nesta typographia.

POLITICOS E LITTERARIOS.

Rio de Janeiro. Typ. imperial e constitucional de J. VILLEMEUV e COMP., rua d'Outidor N. 65.

INTERIOR.

A BIBLIOTHECA DO PODRE — A LIBERDADE DAS REPUBLICAS, PELO SR. MONTEZUMA.

(Veja-se o n° 17.)

Si as sociedades humanas em suas evoluções estão submettidas a leis regulares e fixas, a philosophia da historia não deve acusar instituição alguma, por que todas são ao mesmo tempo a consequência e a condição rigorosa do seu desenvolvimento; todas tem uma grande razão de existencia. O amigo da humanidade deve suffocar no mundo da alma todos os pesares na presença dos desastres, que acompanham o desenvolvimento dos diversos elementos da civilisação, porque elles derivam-se d'esta lei geral, que as nações, como os individuos, não podem nascer, e desenvolver-se senão no meio de dolorosas circunstâncias. Nenhuma forma de governo escapou á esta lei da criação; republicas, e monarchias pagaram-lhe o mesmo tributo. Poder-se-hia fazer um registo geral de todos as calamidades das monarchias, e elle daria um quadro não menos assombroso que a historia da liberdade das Republicas. Na propria Inglaterra, a Carta, que os Barões fizeram assinar á João-Sem-Terra, fica sem efeito, durante séculos; as facções das casas de York, e de Lancaster, calcam alternativamente a liberdade política, individual e religiosa; os Tudores praticam o divan puro em Inglaterra: o *statuto de sangue* de Henrique VIII, a Camara Estrellada, a lei marcial, e a Mesa de alta comissão estabelecida por Isabel, poem esta frase sob a pena de Blackstone em seu commentario das leis Inglesas, e a propósito das iniquidades dos governos: « Assim como isto se pratica na Turquia, e na Inglaterra. »

Si todas as organizações sociais do passado tem direito a ser justificadas, em que consiste a excellencia dessa monarchia representativa, que Mr. de Chateaubriand lança no numero das quatro grandes descobertas, destinadas a mudar a face do mundo?

A monarchia representativa não é a descoberta de algum povo, ou de algum philosopho; ella não tem data, e nem nome de auctor; é simplesmente um resumo feito

pela natureza das coisas de todos os elementos politicos, que desde o berço da civilisação moderna lutam com um esforço constante para o fim de serem representados na sociedade.

Na civilisação, que precedeu o Christianismo, ha uma simplicidade notável das organizações politicas; as formas diversas de governo nunca co-existiram simultaneamente; nunca se reconheceu o direito de todos os elementos, que devem tornar completa a sociedade. Os philosophos da grande Grecia se tinham particularmente ocupado d'esta questão; elles se dirigiram sobre tudo a alma dos reis. Faziam da realeza absoluta uma especie de providencia terrestre, que devia suprir á imperfeição dos homens. Estas ideias eram tomadas sobre o modelo do poder paternal ennobrecido por uma beneficencia mais extensa, e por uma sorte de vocação divina. Concebe-se facilmente, que spiritos calmos, na presença dos males das republicas, vissem na forma de uma autoridade tutelar a perfeição ideal da sociedade, e que a philosophia na antiguidade, reclamasse a ordem, e o repouso, como nos tempos modernos reclamou a independencia religiosa, e a liberdade política.

Um dos caracteres da civilisação moderna, que começa com o triunfo do Christianismo, é a existencia simultanea dos elementos theocratico, democratico, monarchico, aristocratico. Não só esses principios existiram á um tempo desde a dissolução do mundo romano, como tambem cada um d'elles teve a pretenção de ser o unico verdadeiro, legitimo, e civilisante.

A historia política de toda a meia idade, e a das epochas modernas, é a historia da luta entre esses principios. Ora, todo facto que existiu durante séculos, e que exerceu influencia sobre a sorte dos povos, é razoável, ou pelo menos possue uma dose de verdade, e outra de erro. A justificação e legitimidade da monarchia, da aristocracia, e das outras formas de governo, cifram-se no facto mesmo da sua existencia. Qualquer sistema, que tenda a desconhecer, ou a excluir algum d'estes elementos, mutila a civilisação, ataca a verdade de envolta com o erro, e põe-se em estado de guerra com

todo o passado. A sua admissoão completa na organisação política é ao mesmo tempo um dever, e uma necessidade absoluta. Excluidos da ordem social, esses elementos obrariam em uma perpetua reacção, até que fossem n'ella admittidos, por que tem suas raizes em um passado de quize séculos, e na natureza moral das sociedades.

A missão politica da philosophia do seculo actual limita-se a admittir todos, esses principios, sem desprezar um só, depois de haver os purificado da parte de erro, que elles contêm em mistura com a verdade. A monarchia representativa é a formula a mais geral, o resumo, a derradeira expressão do trabalho civilizador do mundo moderno; ella proclama, que todas as formas de governo, que tem dividido os séculos, e as nações tem todas igualmente razão; é o *eclectismo* o mais racional applicado á marcha das sociedades.

A razão proclama hoje este princípio, e o não podia fazer, ha menos de dous séculos; a grande e sublime divisão de trabalho continuava ainda; a existencia predominante de cada elemento era uma condição necessaria, para que fossem todos plenamente desenvelvidos e estudados, por que as nações em sua fraqueza tambem necessitam repartir entre si a tarefa da obra da civilisação. Hoje a perfusão d'esta obra é já imensa; a monarchia moderna é a resultante de todas as variedades de monarchias antigas, monarchia Imperial, ou Romana; monarchia Barbara, e Theocratica. A aristocracia tambem sofreu successivas transformações n'este longo trabalho de purificação; do principio aristocracia da força guerreira, mais tarde aristocracia do nascimento, hoje é a da riqueza, e amanhã será definitivamente a da intelligencia. A verdade e legitimidade dos outros dois elementos são igualmente em grande parte extremes das falsas pretenções, que os obscureciam.

A monarchia representativa, que admite estes principios, se exceptuar um só, é a ultima palavra da razão política, a unica forma do futuro, por que ella resume, justifica, e representa todo o passado.

Nós nos lisonjeamos do porvir desta bella instituição, bem que escrevamos em um paiz, em que ella inclina-se visivelmente

O preço da assinatura
é de 25 rs. por trimestre,
pagos adiantados.

para sua queda com toda a sociedade. Mas não importa; um futuro virá, um futuro poderoso, regenerador, livre em toda a plenitude da monarquia constitucional, e do christianismo; mas elle está longe, longe de todo o horizonte visível. Antes de lá chegar, será forçoso atravessar a decomposição social, tempos de anarchia, de confusão, e de misérias.

Quanto á obra do Sr. Montezuma, ficará no silêncio, apesar do seu mérito: a grande e universal enfermidade da nossa sociedade desdenha, e não crê em causa alguma. Se amanhã uma nova ordem despontasse com a manifestação de outros princípios, o scepticismo seria o mesmo, a mesma a degradação dos caracteres, e o movimento de decomposição só não affrouxaria um só instante. O próprio Sr. Montezuma parece afectado do mal geral, desprezando como Ministro as doutrinas do publicista. Onde estão as excellentes ideias sobre as liberdades públicas, que abundam na sua obra? O defensor dos princípios constitucionais não hesitou em fazer parte de um Governo destinado a contrariar as necessidades constitucionais do país em proveito da causa de arbitrio. Possa o Sr. Montezuma sentir o contraste da sua situação com os seus princípios!

Amigos e inimigos das ideias grandes, e generosas, somos todos arrastrados de volta pela mesma torrente da corrupção. De que servem as resistências n'este momento critico da sociedade?

Sr. Redactor.

Agradecendo muito os não merecidos louvores que me dizem respeito, no artigo do seu Jornal, sobre a sessão pública da Academia Imperial de Medicina, remetto-lhe algumas passagens do meu relatório lido n'essa sessão, cujo verdadeiro sentido me parece não foi bem colhido por V. S. na rapidez da leitura, segundo o devo julgar pelas reflexões que sobre ellas fez-se no dito artigo. Rogo-lhe o favor de lhes dar lugar nas páginas do seu jornal, para esclarecimento do publico, o qual, bem como V. S., poderá ver, que nem minhas expressões, nem minha tenção n'ellas se dirigem a censurar o Governo, que tem feito quanto cabe em suas atribuições para o bem da Academia, mas sim a fazer a exposição de alguns inconvenientes, que tocam aos interesses d'esta instituição, e que resultam mais das circunstâncias da época, do que de outra causa particular. Com isto obrigará V. S.

muito a este seu amigo e venerador. — *Luis Vicente De-Simoni.*

PASSAGENS DO RELATÓRIO DOS TRABALHOS E ESTADO DA ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA, LIDO EM 30 DE JUNHO NA SESSÃO PÚBLICA DA DITA ACADEMIA.

« 1.º Pela Academia foi satisfeita a consulta de um Juiz de Paz, sobre uma substância apprechendida na mão de um escravo, e que uma comissão da mesma Academia achou ser arsenical. A facilidade com que qualquer pessoa, mesmo os escravos, alcancão n'este país substâncias venenosas, é tal de fazer arripiar a qualquer político conscientioso, e amigo da humanidade. Entretanto, as providências das leis a tal respeito são nullas, e a vida do cidadão fica entregue à mercé dos assassinos. O despotismo do Poder tem tido ultimamente mais intimos, que o dá maldade; e em quanto só elle ocupa as atenções e os cuidados, os facinorosos vão folgando. »

« Igual tem corrido a sorte aos charlatães e especuladores, que mui sagazmente sabem se aproveitar da ignorância do vulgo, do silêncio e ineficácia das leis, e da inação apática das autoridades. Sobre elles chamou nossa atenção o Sr. Dr. Ferreira; em um requerimento, que fez à Secção Médica, e que por esta foi enviado à Academia; no qual elle exigia, se representasse ao Governo a necessidade de medidas energicas a respeito. A Academia julgou, que uma representação concebida em termos gerais não surtiria o efeito desejado, e que para obter-o, necessário era indicar ao Governo quais as medidas mais convenientes. Determinou pois se redigisse um plano de medidas; e foi encarregado d'esta redacção o mesmo autor da proposta. Estamos à espera do trabalho d'este ilustre collega, que certamente desenvolverá a matéria com o mesmo calor e filantropia com que a teim indigitou. »

2.º (Faltando da correspondência da Academia, com as sociedades científicas estrangeiras).

« Porém, n'estes tempos em que a ciência, nivelada com o tráfico, também como elle paga tributo nas Alfândegas, (*) e em que a compilação e desordem dos negócios públicos são cada dia mais aumentados por repetidas mudanças de administrações e de planos, e por conseguinte falta um sistema seguido, torna-se mui difícil, e quasi impossível entreter estas uteis correspondências, mesmo pelo intermédio dos Diplomatas do Brasil, e da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Qualquer embrulho

(*) Direitos que pagão os livros.

um pouco volumoso (**) vai parar á Alfândega, aonde, quando se pôde adivinhar a época, em que alli entra, é preciso ir pesadamente desenterrá-lo do monte das encomendas, e dos fardos; e depois d'isso e de uma lida em que o despacho de um livro leva o mesmo tempo, e dinheiro como o de um ou cem fardos, ainda corre o risco de ser impugnado; pois, apesar da Pauta, o proprietário é obrigado a estabelecer-lhe o valor, e a dar-lhe mui subido, e pagar muito para fugir ao risco de perder a propriedade do objecto, embora a Constituição lho garanti. Tal é a marcha das causas em outras partes, que uma correspondência da sociedade Real Jenneriana de Londres foi recebida pela Academia, depois de uma estada de alguns anos, em uma das repartições públicas, da qual foi desenterrado pelo Exm. Sr. Límpio de Abreu. Não devemos pois estranhar, que muitas relações estejam interrompidas, e que outras mais o sejam para o futuro, em quanto o dedo da Providência não melhorar este estado de causas. »

« 3.º O nosso Jornal continua a ser publicado, apesar das dificuldades que por toda a parte aqui encontrão as obras periódicas, que se não ocupam com a política e a maledicência. »

« 4.º A miseria da nossa época, e de certas almas é tal, que um título de Membro Honorário foi rejeitado pelo eleito. O amor proprio não tem limites; e em alguns homens é tal, que até o obsequio dos quais parecem abaixo de seu mérito, os indispõe e perturba, a ponto de elles se julgarem com maiores direitos que a Divindade, a qual, ainda que em tudo mui superior, sempre se digna, e apraz de honrar aos outros euntes, e ser por elles honrado, sempre vale e consola ao infeliz, e nunca insulta ao infortunio. Felizmente o mundo se não compõe todo d'esses homens; e outros há, cujos actos transpirão atenção e beneficência, e aos quais esta Academia deve ser grata. Um d'estes é certamente o que ella nomeou seu Membro Honorário pela grande honra e serviço que lhe fez, durante o seu Ministério, o Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza, que, superior aos prejuízos e corrupção da época, referendou o Decreto de 8 de Maio de 1835, pelo qual a instituição de 30 de Junho de 1829, foi convertida nesta Academia Imperial, e um segundo passo foi dado para

(**) Remessa de livros, folhas, jornais, e outros objectos mandados de presente pelas sociedades, ou em troca dos que a Academia lhes manda.

a nobilitação e progressos de Medicina n'es-
paiz, depois do consentido pelo Augusto
Fundador do Imperio. Quão doce ha a re-
cordação de um beneficio que passe da ideia
e sentimentos sublimes, e que encie de
gloria quem o recebe, e quem o outorga!
Que pensamentos e emoções, não desperta
elle em quem sabe apreciar todo o valor
da ação, e de seos grandes resultados! Em
vão ao vel-o, a inveja se irrita e estrebu-
cha; em vão a calunia afana-se para
mordel-o; é um monumento de bronze; e
os seculos não o robaram á historia, nem aos
louvores dos sabios.»

TENDENCIAS IRRELIGIOSAS.

Pobre França! Pobre Inglaterra! Pobre
gente, que obedecendo a vocação religiosa
de um seculo organisador, vai beber á fonte
santa do Christianismo as lições sublimes
da verdadeira scienzia humana, com que
melhoram sua existencia moral e politica!
Pobres nações, que ignoram o que lhes
augura um Redactor ministerial do Brasil,
cuja fé em Religião é a do seculo, que expri-
rou, cuja autoridade é a de *Voltaire*; e te-
mendo desde já ás fogueiras da Inquisição,
que devem abrazar a França pela sua
tendencia Christã, e por conseguinte a In-
glatera e os Estados Unidos, inda mais re-
ligiosos, diz com o poeta, que segundo o
pensamento de Chataubriand, empregara o
so talento em fazer da impiedade uma es-
pecie de *bom tom*.

..... Et jamais nom visse
N'a de nom euc encoir dimentir le langage.
Qui peut se disposer, pourroit trahir sa foi:
C'est un art de l'Europe, il n'est pas fait pour moi.

Eis o pensamento de um Redactor Ministerial, que começa por duvidar do estado deplorável da nossa moral publica, e de Religião, e acaba por acusar solemnemente os nossos Bispos, que correm para as sociedades profanas, e negão o pão espiritual ás suas ovelhas, que se engolhiam nos negócios mundanos, abandonam as suas dioceses, e que negam com os bons exemplos até a boa doutrina. Bispos Brasileiros, vede como sois considerados! A vós pertence o repellir tão graves acusações. Quanto a nós, cumpre observar que não é o povo quem nomeia os Bispos, e que si elles todos são tales quas o Redactor os descreve, força é reconhecer, que ou elles representam a moralidade do Governo da nação, ou o Governo e a nação por elles se modelam, e em ambos os casos a irreligião e a immoralidade é geral, e de cima tira origem.

Em honra, porém, das nações civiliza-

das, que na moral Evangelica, e no gremio do Christianismo, se nutrem de inspirações, e de sciencias, e satisfazem a necessidade de crença, de entusiasmo, e de futuro, cuja fonte havia seccado o sensualismo, e o egoísmo da escola materialista do Seculo XVIII, que por nossa calamidade ainda nos governa, diremos que o Jornalista Ministerial se engana, si cuida que a humanidade é também um Jornalista Ministerial, que só vê o presente, que se illude, para melhor impôr sua crença do dia, que flinge sympathias, que não experimenta, e exprime paixões, que lhe não são proprias. Creer que, sendo a humanidade religiosa, deixa de ser sincera, e que voltará pelo mesmo caminho ás epochas transactas de dolorosa recordação, é julgar que ella deve parar no estreito igualmente doloroso da dúvida e da indiferença, ou retrogradar na sua marcha. Não; diz Mr. De Lamartine, o poeta filosópho do nosso seculo:

L'humanité n'est pas le bœuf à court haleine,
Qui creuse à pas égaux son sillon dans la plaine,
Et revient ruminer sur un sillon pareil:
C'est l'âge ingéni qui change son plumage,
Et qui monte affronter de neige en neige
De plus hauts rayons du soleil!

Voltaire, talvez tivesse razão em combater com as flexas envenenadas, com toda a força do seo espírito, e com todo o peso de sua impiedade o excesso do fanatismo e da hypocrisia, o que não exclue de nossa parte razão de combater o excesso contrario; por quanto, ambos os extremos são arriscados, e nós pouco temos que temer das primeiras, que nem por sombras nos amedrontam, e tudo perdemos com o languor lethárgico, que nos secca o entusiasmo, corrompe a moral, e todos os sentimentos da gloria. Sem religião pode-se ter espírito, diz Mr. de Fontanes, mas é quasi impossível o ter genio. » Nós, porém, nem o primeiro possuímos. Nossa espírito se encharca n'um círculo de lodo, só sentimos no coração palpitar o egoísmo; a voz da blasphemia, e o cálculo do sordido interesse apenas nos anuncia, que vivemos: vivemos, sim, para o mundo da matéria, e não para o mundo da intelligencia, cuja luz já pallida se vai extinguindo, quando ao longe seo clarão nos convida á tomar parte no grande movimento da regeneração. M.

NECROLOGIA DO DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO.

Morreu na idade de 32 annos, quando este curto periodo foi um continuo sacrifício ás sciencias, uma infatigável actividade do espírito! Morrer, com a intelligencia re-

querida de grandes ideias, com a consciência pura, e o coração palpitante da gloria, de futuro, e de esperanças! Morrer quando se tinha amontoado um grande capital para encetar o caminho da vida dos homens ilustres! Eis o que se pode chamar uma verdadeira desgraça; fatalidade cruel, capaz de seccar o entusiasmo nas almas de todos que lamentam a perda do Dr. Francisco Bernardino Ribeiro.

O Rio de Janeiro o viu nascer no dia 12 de Julho de 1815, e na noite de 15 de Junho o viu exhalar o seu ultimo suspiro. Sua vida foi a de um jovem dotado de grandes faculdades, que a tudo antepunha o estudo; e sua moralidade era tal, que nunca se ouviu de seus labios um nome de que a decencia se offendesse.

Nos seos estudos preparativos já seos condiscípulos participavam dos trabalhos de suas vigílias; *Mestrinho* lhe chamavam, e assim previam elles o seu destino. O *Mestrinho* foi Mestre, quando apenas contava 21 annos, e Mestre no Curso Jurídico de S. Paulo.

Um *Ensaiosobre a tragedia de sua penna*, varias poesias, e artigos políticos correm impressos na Revista e Jornais de S. Paulo. Além disto, deixou manuscritos, e tinha começado um trabalho sobre Direito Criminal.

Com o Dr. F. B. Ribeiro morreram para o Brasil grandes esperanças; esperanças únicas cabedal de que vivemos. Nós lamentamos a sua morte, nunca tivemos a ventura de o tratarmos como amigo, posto que de longe a sympathia nos unisse. M.

EXTERIOR.

ESTADO ORIENTAL.

Montevideo 14 de Junho.

Apesar de que os officios que abaixo transcrevemos, não tenham data, devem ser considerados como anteriores á suspensão de armas proposta entre as forças belligerantes da Província de S. Pedro do Sul.

Hm. Sr. Domingo Crescencio. — Como estou convencido de que V. S. se acha animado dos verdadeiros sentimentos que caracterisão hum homem de honra, e por isso mesmo bom amigo de sua patria, dirijo-me a V. S. para com franqueza exprimir-lhe os meos sentimentos.

Ninguem ha que desconheça o estado de infelicidade á que se acha reduzida esta Província, e os males que sobre ella tem acarretado a luta em que nos achamos, e que serão intermináveis, se os verdadeiros amigos da patria se fizerem surdos á voz da razão e da justiça. Persuade-se V. S. que o partido da lei não succumbiu, nem succumbirá; quando menos se espere, seos defensores, disseminados

pela campanha, aparecerão reunidos, e se os chefes, mais apitos que o traidor Bento Munoz, saberão dirigir melhor nossas operações, o resultado não será duvidoso. Em as margens do Rio temos uma força de 500 homens de cavalleria, e mais de 800 perderão a vida antes de ceder, defendendo as trincheiras do Rio Grande. Nada temos que temer, ainda quando intentem, como se tem projectado, tirar-nos os recursos da barra: esta mesma artilleria talvez lhe seja tão funesta como o foi ao Coronel Bento Gonçalves. Mas, mesmo quando se effeituasse o projecto de separação, e de Republica, seria a Província mais feliz? Ninguém o dirá. Chefs ambiciosos, apoiados na força, se sucederão de dia em dia; a virtude e o mérito serão desatentados pela estupidez, e depravação, como já acontece; e o Estado Oriental, que nos dá esses exemplos, e que occultamente os protege, seria o primeiro em querer dictar a lei, e um total aniquilamento viria acabar com a melhor Província. O único passo que nos resta dar para sua salvação, é por termo à presente luta: aquele que o fizer o primeiro será o verdadeiro patriota, e o amigo de seos concidadãos. A actual posição de V. S. lhe faz deparar esta gloria: unam-nos debaixo do mesmo título de Brasileiros: trabalhemos para fazer renascer a paz e a felicidade. Esses são meus desejos: na minha qualidade de estrangeiro, sou alheio à influencia dos partidos, e só desejo a prosperidade do Brasil, que adoptei por minha patria. Firme pois na opinião que, há muito tempo, tenho de V. S., espero que não desprezará o convite que lhe faz este de V. S. atento venerador.—*João Pascoe Grenfell.* — Está conforme, Domingo Crescencio. — Está conforme, Lixa, General em Chefe.

RESPOSTA AO OFÍCIO SUPRA.

Ilm. e Exm. Sr. — Achando-me animado dos sentimentos que caracterisão o homem verdadeiro amigo de sua patria, e que só deseja a sua prosperidade, não tenho dúvida alguma em acceder a qualquer proposição do V. Ex., toda vez que elle tenda à felicidade e engrandecimento d'esta Republica.

V. Ex. se acha convencido, segundo diz, de que o partido da lei não sucumbiu, nem succumbirá, por ter Chefes que saberão dirigir melhor as operações da campanha do que o General Bento Munoz, (quando alucinado por esse Governo era Chefe do Exercito do Brasil), e eu também estou convencido, de que o exercito a que tenho a honra de pertencer não sucumbiu, nem succumbirá, ainda que se os Chefes não se possam comparar com os do partido a que V. Ex. pertence. Quanto à força numerica que V. Ex. diz ter na margem d'esse rio, acho-a bastante crescidão à vista da que tenho para operar: porém, acento-me o pensar que esses pelejão porque são mordados, e estes por sua liberdade e propria coavieção; e assim pensando na balança as qualidades que a estes adornão, acho que equilibrão o augmento numerico daquelles.

V. Ex. faz-me observações que não desconheço sobre a divergência que deve haver n'esta Republica entre os Chefes, logo que se firme o seu Governo; mas como não é novo nas nações que,

como nós, procurão sua regeneração política, não me desanima a ideia de semelhantes acontecimentos. Estou inteiramente *alheio* ao sonhado recurso da barra; e quando mesmo o exercito do Brasil tomasse pelas armas nossa artilharia, como acontece com o benemérito Bento Gonçalves da Silva, semelhante sucesso nada seria de admirar, porque a sorte das armas depende de acontecimentos diferentes: por isso que também acontece cair em nosso poder quinze peças, que estavão defendidas por 600 homens ao mando do Coronel João Chrysostomo, que cobardemente as desamparou sem dar um só tiro, e entregou-se prisioneiro com o batalhão. O Coronel Bento Gonçalves sómente cedeu depois de faltar-lhe as munições, e por uma capitulação tanto mais honrosa para elle, e os livres que o acompanhavão, quanto falta de fé para os que devião fazel-a cumprir.

Diz-me V. Ex. que o único meio que resta para salvar minha patria dos estragos da presente luta, é de unir nossas forças ás do Brasil, e que aquelle que der o primeiro passo será um verdadeiro patriota, e amigo de seos concidadãos. Certo d'isto, atrevo-me a convidar a V. Ex. para unir as forças de seu mando ás d'esta Republica; pois a posição actual em que se acha V. Ex., é muito propria a lhe poder caber esta gloria, adoptando, e ficando com o título de *Herói Republicano Rio-Grandense*; e assim trabalharemos juntos para fazer renascer a paz e a felicidade d'este Estado. Estes são os meus desejos, e os de todos os meos compatriotas.

Deos guarde a V. Ex., Acampamento em vista de Pelotas, Maio de 1837. — Ilm. e Exm. Sr. João Pascoe Grenfell, Comandante das forças navares. — Domingos Crescencio, Coronel Comandante. — Está conforme. — Lixa, General em Chefe.

Ilm. e Exm. Sr. — Partiu hoje para Porto Alegre, com o General Grenfell, o Tenente Coronel Florentino de Souza Leite, para entregar ali ao Exm. Comandante em Chefe interino do Exercito a copia da suspensão de armas, hoje praticada. Este Tenente Coronel foi testemunha ocular de duas conferencias que tive com o Chefe da Esquadra Imperial, e por esta razão poderá informar verbalmente do ocorrido, que é: — o Chefe da Esquadra se oferece para levar á Corte do Rio de Janeiro, e para apresentar á Assembléa Geral qualquer reclamação, que as autoridades da nossa patria querão fazer, com o fim de ver se cessa o derramamento de sangue brasileiro. Em V. Ex., e demais autoridades do Estado, repousa a segurança do nosso estandarte, e a V. Ex. cumpre fazer conhecer ao Governo de D. Pedro II, as razões que justificão nossa separação. Vejo que Grenfel está inteiramente disposto para qualquer convenção, com tanto que sejamos federados ao Brasil, e diz que fará todo o possível junto á Assembléa do Rio de Janeiro para minorar nossas queixas.

O Capitão João Gomes, portador d'esta, se oferece a ir com toda a prontidão a Porto Alegre para levar o parecer de V. Ex. ao Exm. General Netto, para de commun acordo obrar bem. D'isto mesmo já está prevenido o mesmo Exm. Sr., para

demorar por tres ou quatro dias a conferencia com Grenfel, em quanto chega o parecer de V. Ex.. Julgo mui acertado que V. Ex. appareça n'esta Cidade, tanto para proclamar ao povo, como para estabelecer as autoridades precisas.

Deos guarde a V. Ex. muito antos. Cidade de Pelotas, 26 de Maio de 1837. — *Domingo Crescencio de Correia.* — Coronel Commandante de Divisão. — Ilm. e Exm. Sr. Presidente do Estado, José Gomes de Vasconcellos Jerônimo. — Está conforme. — Lixa, General em Chefe. (Universal.)

Pede-se-nos a inserção do seguinte:

ANNUNCIO.

TIPOGRAPHIA E LIVRARIA DE J. SAINT-AMANT, E L. A. BURGAIN, RUA DA ALFANDEGA N° 151, PERTO DA DA VALLA.

Saint-Amant e Burgain abrirão no lugar acima, no dia 10 do corrente, uma typographia, onde se encumbrião da impressão de qualquer obra, em qualquer idioma; de facturas, notícias, cartazes, bilhetes de visita, cabeçários de cartas; e finalmente de tudo quanto pertence á arte typographica, com acieio, promptidão, e por commodo preço.

As pessoas que quizerem publicar avulços, correspondencias, ou outros quaisquer escriptos, convindo-lhes; ali acharão quem lhos rediga em bom portuguez; e será exactamente distribuído o numero de exemplares que se convencionar.

Na loja do mesmo estabelecimento, achar-se-hão, além de obras mais volumosas, as novellas mais interessantes publicadas nesta corte, folhinhas de todas as qualidades, listas de famílias, passaportes, papeis de venda de escravos, pertences de escriptorio, musica para violão, rebeca, flauta e clarineta, e cornetas francesas, com a musica. Também ali se acharão á venda os periodicos *Jornal dos Debates*, *Chronista*, *Sete de Abril*, *Parlamentar*, *Muther do Simplicio*, *Auxiliador*, *Revista medica*, e os mais que forem aparecendo.

Saint-Amant e Burgain esperam merecer do respeitável publico desta corte aquella protecção que nunca nega áquelles que dela se fazem credores.

Escriptorio de traduções das línguas ingleza, francesa, italiana, hispanola, para o portuguez, ou desta para aquellas, dirigido por J. Saint-Amant, membro da Sociedade Real Academica de Paris, &c., &c., & L. A. Burgain, membro da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro.

Saint-Amant e Burgain abrirão no dia 10 do corrente, rua da Alfandega n. 151, um Escriptorio de traduções das línguas acima, assim como da redacção de memorias, correspondencias, &c., &c., e da correccão de manuscritos.

Rio de Jan. — Typ. de J. Villeneuve e Comp. — 1837.